MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

O grande Mistério da Encarnação

sublime portento
do amor do Pai aos homens,
realizado nas entranhas puríssimas
da Virgem,
que, pelo arrulho infinito
do Espírito Santo,
rompeu em Maternidade divina,
dando-nos o mesmo Filho de Deus
feito Homem,
para que aderindo-nos ao mistério
da sua vida, morte e ressurreição,
perpetuado no seio
da Santa Mãe Igreja,
sejamos levados ao convite infinito
daquele que se é a Felicidade eterna
em Trindade de Pessoas,
único fim para o qual fomos criados

Baja la Sede de Pedro

Editorial Eco de la Iglesia

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 15-8-2004

2ª Edição

Separata de livros inéditos da Mãe Trinidad de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:
«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»
«FRUTOS DE ORACIÓN»
«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2004 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA
1ª Ediçao espanhola: fevereiro 2000

LA OBRA DE LA IGLESIA (A Obra da Igreja)
MADRID - 28006
C/. Velázquez, 88
Tel. 91.435.41.45

ROMA - 00149
Via Vigna due Torri, 90
Tel. 06.551.46.44

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org
www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero (Librería - Espiritualidad)*

ISBN: 978-84-86724-60-3
Depósito legal: M. 48.250-2007

17-1-1960

O GRANDE MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

A humanidade de Cristo é a esposa do Verbo, a complacência e recreio das três divinas Pessoas; criação nova, na qual e pela qual, o mesmo Deus altíssimo, fazendo-se Homem e perdoando a culpa que o homem cometera contra a infinita Santidade, pode manifestar-nos os mistérios recônditos do seu adorável ser, em canção de amor.

Cristo meu!, que matizes quase infinitos puseste na tua humanidade, fazendo-te a maravilha que cantas, por tua voz humana, as infinitas perfeições e incomparáveis arcanos do misterioso ser de Deus.

Alma de Cristo, na que o mesmo Deus, olhando para o seu Verbo, plasmou, como nova criação, por cima de todo o criado e ao finito, todas as infinitas perfeições e matizes que, em seu simplicíssimo ser, Ele *se é*... Que participação e transformação a tua em cada uma das perfeições infinitas que, em infinitude de matizes, rompem, por infinitude de perfeições, numa só e simples perfeição...!

Que concerto de harmonias é a humanidade do meu Cristo!, lira finíssima onde o mesmo Verbo da Vida toca a sua harmonia para manifestar-se em palavra aos homens.

Ó finura indizível de Cristo…! Ó Canto-Amor do meu Esposo…! Ó concerto harmônico da alma do Verbo…!, eu quero pôr-me hoje, atraída pelo odor dos teus perfumes, a escutar, em oração íntima e amorosa, as tuas vibrações profundas diante do teu contato hipostático com o Verbo, e teu contato amoroso com o Pai de fecundidade infinita e com o Espírito Santo, no qual Tu, ó Verbo Encarnado, abrasavas-te e abrasas, num delírio de amor, nas impetuosas chamas do seu ser Pessoa-Amor na Trindade.

Cristo meu, vamos, dá-me o Olhar com que Tu olhavas, e a tua mesma Palavra, e o fogo do Amor em que te abrasas, para dizer eu algo, ó meu Deus Encarnado!, do que, como *alma-Igreja*, descubro na tua alma santíssima.

Ó criação da natureza humana do meu Cristo…! Toda a Trindade, em seu *ser-se* imutável, está como num delírio de amor infinito, pressurosa e alegre, enchendo de jóias e engalanando, embelezando e enriquecendo aquela criatura que, saindo das suas mãos, tinha que ser a lira finíssima pela qual o mesmo Verbo da Vida daria seu *som* de divindade a todos os anjos e a todos os homens.

Jamais nenhuma criatura, até então, vibrara e ressoara numa vibração quase infinita a infinitude excelsa do Incriado.

Que concerto de perfeições…! Toda a criação contida em Cristo; todas as perfeições criadas, recompiladas no Verbo Encarnado; e todas as infinitudes do ser do Deus incriado, plasmadas participativamente na alma do que tinha que ser o Verbo da Vida…

Ó maravilha de luz indizível…! É a Luz incriada que, investindo amorosamente pelo Espírito Santo na humanidade de Cristo, engalanou-a e a fez tão formosa, tão formosa!, que o mesmo Verbo infinito, não podendo conter-se mais, diante do impetuoso fogo do Espírito Santo que o empurrava e do Pai Amor que o enviava, une-se hipostaticamente àquela criatura que, qual harpa finíssima, ao unir-se ao Verbo da Vida, repercutindo nela esta união íntima e profunda entre Deus e a sua criatura, tão intimamente fundiram-se, que, na pulsação infinitamente amorosa desse encontro divino, estremecendo-a no Espírito Santo, o Verbo do Pai lhe fez dar a sua mesma Voz de divindade por todos os âmbitos do céu e até os últimos confins da terra.

E assim manifestou-se, pela natureza humana de Cristo, aquele Concerto eterno de finuras indizíveis que, em silêncio, o Verbo está cantando num estouro de *ser-se* infinito e num

silêncio inalterável de ser essencialmente simplicíssimo e silencioso.

Cristo meu, que silêncio em tua alma, e em que silêncio meu ser tem que escutar-te para captar as tuas divinas vibrações…!

—Em silêncio…! «Eis que Eu a vou seduzir, levando-a à solidão, onde lhe falarei ao coração»[1]. À solidão do meu ser, da minha intimidade, da minha participação; à minha solidão, onde, sozinha comigo, ao perceber o *som* do meu concerto, vibre com meu mesmo vibrar, participando de minha eterna harmonia.

Ó natureza humana de Jesus…! Tão íntima e estreitamente uniu-se a ti o Verbo da Vida, e tu a Ele, numa adaptação como infinita, que suas mais imperceptíveis vibrações repercutem em ti; sendo teu viver e não podendo ser outro que do mesmo Deus altíssimo, já que com Deus te uniste hipostaticamente na pessoa do Verbo.

E, perdendo-te no *ser-se* do Ser, entraste por tua contemplação, no mesmo instante da tua união hipostática, no silêncio harmonioso do mesmo *ser-se* de Deus. E ali, abismando-te na sua suavidade virgínea, engolfada e saturada nas correntes eternas e na fecundidade simplicíssima de sua vida, tu, gozando numa par-

[1] Os 2, 16.

ticipação única, delirante de amor, na vibração infinita do Verbo do Pai, perdes-te nas eternas correntes do seio do Deus altíssimo.

Que êxtase de amor, ó Cristo meu, o da tua alma no instante mesmo de ser criada, que participando quase infinitamente de Deus, em saturação perfeita e anegação total, vê que, pela sua transformação no *ser-se* de Deus, participa como coisa própria pelos seus esponsais eternos com o Verbo incriado em cada um dos seus atributos e perfeições…!

Que matrimônio espiritual com o mesmo Deus santíssimo…! Matrimônio perfeito, no qual os mútuos bens tornam-se e retornam-se como presente infinito de eternas bodas.

Que gozo para a alma de Cristo que, vivendo do gozoso *contento* de Deus, vibrando ao uníssono com as três divinas Pessoas na alegria infinita da sua eterna felicidade, participa de uma maneira eminente de todos e cada um dos atributos e perfeições do infinito Ser…!

Ó alma de Cristo, que contemplavas face a face a infinitude infinita da fecundidade do Ser divino…! Que gozo eterno o teu ao ver-te a esposa do Verbo, e, como tal, tendo em plenitude e saturação, como coisa tua própria, os tesouros inesgotáveis do teu eterno Consorte…!

Com que alegria, no mesmo instante de ser criada, ouvirias do Verbo aquelas palavras que,

gravando-se em ti, realizavam o que diziam num dizer-se eterno, como doação de Esposo em presente de bodas, palavras que para ti tinham sabor de vida eterna: «Todos meus bens são teus, e os teus, que Eu te dei, são meus»[2]!

E qual não seria a tua satisfação ao ver que este dizer, por ser o dizer do Verbo, era participação do mesmo *ser-se* de Deus que, em seu pronunciar-se, dava-se a ti, já que o dizer de Deus é realizar…!

E naquele mesmo instante, arrebatada no ímpeto amoroso das correntes eternas, te afundaste com as divinas pupilas, no mesmo olhar da tua Pessoa, na contemplação do ser divino, que, como presente dos teus esponsais, o Verbo infinito dava-te em posse: seu mesmo *ser-se* eterno, que, em infinitude de atributos e perfeições, rompe em infinitudes de matizes que são uma só perfeição. E abismada e gozosa, delirante de amor, corrias, abrasada nas impetuosas chamas do Espírito Santo, pelos mais recônditos e misteriosos arcanos do glorioso ser divino.

Que êxtase de amor o teu!, que, como criatura, e apesar de ser criatura, passeavas saturando-te como senhora de tuas possessões, sendo rainha de anjos e de homens… E ali te vias que tu eras amor do mesmo Amor, por justiça,

[2] Cf. Jo 17, 10.

participando da mesma Justiça que se derramava sobre ti amorosamente.

E criada para ser a esposa única do Verbo, ao ver-te transformada em todos os atributos do Deus incriado, saltavas de gozo no Espírito Santo com a participação do *ser-se* eterno; vendo-te finura de sua mesma finura e gozando da alteza do Deus intocável, saturando-te no silêncio, na alegria, na bondade… E nesse dizer-se do Verbo em ti, tu te sentias palavra fecunda, que cantavas e expressavas o dizer-se eterno do Verbo em teu ser.

Alma de Cristo, esposa da segunda Pessoa da adorável Trindade, desde o primeiro instante do teu ser contemplavas a vida divina! Não há véus para a alma do Verbo Encarnado! Não há véus para que Tu, Esposo meu, contemples as excelências infinitas da tua mesma Pessoa! Não há véus para a humanidade de Cristo, pela qual e mediante seus esponsais hipostáticos, rasgar-se-ia o véu do Seio do Pai para que todos os homens, passada a prova, pudéssemos entrar nesse seio adorável que tu, pela tua união hipostática, nos abririas! Não há véus para a esposa do Verbo Encarnado, porque, no Olhar infinito do fecundo Pai, desde o primeiro instante do seu ser, intuía, saturava-se, aprofundava-se e penetrava nos arcanos misteriosos do ser de Deus!

O olhar de Cristo, perdido no Olhar do Pai, contemplava em seu olhar o Ser infinito do seu *ser-se* glorioso. Que transportes de amor ao saborear, nesse só olhar eterno do Pai fecundo, as riquezas intermináveis e insuspeitadas das excelências do ser divino…! Como, abismada na contemplação excelsa de Deus, romperias num: Santo! eterno, e como, nesse olhar, perder-te-ias num êxtase ininterrupto de amor e saturação suprema no seio da Trindade…!

Como poderão meus lábios humanos expressar o teu êxtase eterno diante da contemplação de Deus? Como poderei expressar com as minhas rudes palavras os arcanos misteriosos e as profundezas insondáveis nas quais o teu limpo e penetrante olhar se aprofundava? Como poderei eu dizer, no meu dizer limitado e finito, ó humanidade de Cristo, o teu dizer, como fruto da tua contemplação, em tua mesma Pessoa?

Diz-te Tu, ó Verbo da Vida, em meu ser de virgem enamorada, para que eu possa dizer algo do gozo quase infinito que saturava tua alma!

O mesmo Pai, que não tem nenhuma complacência fora do seu Verbo, presenteou-te em posse eterna e em doação total, no dia das tuas bodas, o seu mesmo Olhar, com o qual tu, como coisa tua, podes contemplar sem véus a sua mesma formosura infinita.

Deu-te também o seu mesmo *ser-se* eterno para que tu o possuas; e no seu mesmo *ser-se*, recebeste como presente o mesmo ser de Deus por participação.

E se por acaso era pouco, como presente de bodas, deu-te o Deus altíssimo que os homens sejam, em ti e por ti, «deuses e filhos todos do Altíssimo»[3].

Dia da Encarnação…! Dia de presentes, de festas, de bodas eternas entre o Criador e a criatura…

O Criador presenteia à sua criatura tão infinitamente, que esta, delirante de amor, rompendo pela sua mesma Pessoa num Cântico infinito, canta o Cântico novo, o Cântico magno, num jubiloso grito de participação; e, neste Canto, diz ao Pai o glorioso, o infinito, o fecundo e o Pai que *se é*.

Natureza humana de Cristo, perdida, abismada, presenteada e adornada de jóias por toda a complacência do Deus altíssimo que amorosamente entorna-se sobre ti, o que pensarias ao ver-te assim enaltecida? Que júbilo-amor traspassar-te-ia nas letificantes chamas do Espírito Santo…! Como, diante da impotência do teu limitado ser, em participação do *ser-se* infinito, porias tua boca na boca do Verbo, para rebentar

[3] Sal 82, 6.

infinitamente num Cântico de amor e de louvor ao Ser divino…! Sim, como, abraçada e unida hipostaticamente ao Verbo infinito, servindo-te da tua Pessoa, rebentarias, cantando de amor, numa explosão gloriosa; desabafarias toda tua exigência de cantar a Deus, e descansarias ao ver que, em tua mesma Pessoa, lhe cantavas infinitamente, lhe cantavas o Cântico novo, o Cântico magno que somente Deus pode cantar-se…!

Cristo meu, cantas ao Pai em tua Pessoa a Canção infinita de *ser-se* glorioso que só Ele pode cantar-se em seu Verbo!

Que abraço o da humanidade de Cristo com o Verbo da Vida…! Que colóquios de amor em esponsais eternos, abrasada nas impetuosas chamas do Espírito Santo que a envolviam, a saturavam e uniam ao Verbo, seu Esposo…!

Como delirante de alegria, aderida a todos os movimentos do Verbo, não terias mais viver que o seu viver, e por exigência da tua união com Ele, não podias fazer outra coisa que a que Ele fazia…! E, como fruto da tua contemplação com o Pai e da tua canção com o Verbo, abrasada nas impetuosas chamas do Espírito Santo, tu rebentavas no Verbo, cantando ao Pai, e o Verbo rebentava através de ti cantando aos homens. E não só Tu, Cristo meu, cantas sendo Homem a Deus como o mesmo Deus, senão que cantas infinitamente, como Deus, aos homens.

Cristo meu…! Ponte única por onde os homens vão a Deus e por onde Deus se dá aos homens…! […][4]

Já tem Deus, sim, já tem Deus um Homem que, sendo Homem, é Deus…!

Já tem Deus um Homem que, sendo Deus, é Homem…!

Já tem o Céu um Homem que é o Verbo da Vida…!

Já tem a terra, num Homem, o Verbo do Pai…! […]

Ó, o momento da Encarnação…! Vejo o Homem sendo Deus e Deus sendo Homem…! E não o posso explicar…!

Vejo a diferença total das duas naturezas…! E a união das duas naturezas numa só Pessoa…! […]; Deus sendo Deus, separado com uma distância infinita da natureza humana de Cristo… E que pela sua união hipostática, íntima, Cristo é Deus…! E não o posso explicar! […]

Senhor, anonadada e ultrapassada a minha capacidade, diante da tua infinitude e o que me fica sem compreender, abrasada com o Espírito Santo por ter penetrado com o olhar do Pai, e

[4] Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

por minha participação com o Verbo, como expressão deste mesmo olhar, na grande realidade de meu Cristo, te adoro!

O Verbo está cantando no Céu a sua Canção infinita, que Ele, como Verbo, canta eternamente. Já o Verbo Encarnado, estouro expressivo do ser de Deus, está cantando a Canção infinita aos homens…!

Que gozo, que alegria e que contentamento, ver que Cristo canta a Canção infinita que só Deus pode cantar-se, e canta-a a Deus e aos homens…!

Ó mistério terrível da Encarnação…! Ó mistério de complacência de Deus para com o homem…! Ó mistério de amor do Criador pela criatura…! Ó, mistério de presente infinito com que o mesmo Deus altíssimo presenteia ao homem por Cristo, desde Maria, a sua mesma divindade…!

Cristo meu, que terrível és…! Como te vejo…! Eu te adoro, porque és o Incriado por tua Pessoa divina, criado na tua natureza humana…! Deus-Homem…! Homem-Deus…! Mistério da Encarnação…! […]

Jesus, filigrana do Amor infinito… Ó, Verbo meu Encarnado!, dá-me tua Palavra para eu lisonjear-te adequadamente. Tu és meu Cristo e

és meu Verbo e és meu Deus…! Dá-te Tu a mim, em teu *ser-te* Deus-Homem, para que eu possa dizer-te em tua Palavra e amar-te em tua Pessoa.

O Pai, o Verbo e o Espírito Santo estão derramando-se complacentemente sobre a humanidade de Cristo num beijo infinito, que estão depositando nela pelo mesmo Espírito Santo.

Que terrível é o mistério da união de Deus com o homem no seio de Maria…!

Como amam as três divinas Pessoas a natureza humana de Cristo…! O Pai está derramando-se impetuosamente sobre ela na corrente divina do seu Olhar eterno. O Verbo, Imagem perfeita do Pai, Expressão máxima da divina Sabedoria, incrustou-se nela numa união hipostática indizível, fazendo-a esposa amada e única de seu *ser-se* Palavra. E o Espírito Santo, saindo pressuroso e ditoso da complacência do Pai amorosa e paternal que se entorna sobre ela, e do Verbo esposado com ela, lança-se enamorado e cativado pela formosura do seu rosto, beijando-a no infinito Beijo de união trinitária, e abrasando-a em suas impetuosas chamas.

Ó humanidade de Cristo, que és a humanidade do Verbo Encarnado…! Como te vejo metida na vida da Trindade…! És o reflexo per-

feito do mesmo Deus altíssimo, espelho imaculado onde se olham e recreiam as três divinas Pessoas.

Cristo meu, vejo-te metido na Família Divina, porque, apesar de ver-te a uma distância infinita da Divindade em tua natureza humana, por tua Pessoa és Deus.

Espírito Santo, abrasa, abrasa a alma do Verbo da Vida… Espírito Santo, mas olha que é criatura, e se a abrasas no impetuoso fogo com que a amas, a reduzirias ao nada. Mas não!, porque seu Esposo, o Verbo da Vida, sustenta-a para que Tu possas descarregar sobre ela o ímpeto infinito do teu amor.

Espírito Santo, mas olha que é pequena, e se te sente vir em tua corrente infinita e eterna para arremessar-te sobre ela, ao contemplar-te, tremerá diante da majestade soberana do teu ser glorioso. Mas não!, porque é o mesmo Pai amoroso com suas entranhas paternais quem lhe dá seu Olhar para que te contemple, e a ampara sob a sombra das suas asas; fazendo-a forte com a sua mesma fortaleza quem é o «Rei dos reis e Senhor dos senhores»[5].

Espírito Santo, mas se Tu és Amor amoroso e em teus mesmos joelhos a embalas, acariciando-a, festejando-a e beijando-a, no mesmo

[5] Ap 19, 16.

beijo de ternura infinita com que beijas o Pai, o Filho e te beijas a Ti mesmo em teu seio, em teu *ser-te* Amor fecundo e glorioso…!

Alma de Cristo, como tu, ao ver-te assim mimada e querida, escolhida e festejada no colo da adorável Trindade, anonadada, saltarias de gozo, de amor, de agradecimento, de contentamento, diante do Deus infinito que tão amorosamente derramava-se sobre ti…!

Como tu, que contemplavas com o Pai, e participavas e te engolfavas nas correntes infinitas do seu *ser-se* eterno, prorromperias num grito de transformação cantando as excelências incompreensíveis e incognoscíveis para nós, mas conhecidas por ti num gozo eterno…!

E, como tu, abrasada nas impetuosas chamas do Espírito Santo, correrias do seio do Pai ao seio do Verbo, beijando com a sua mesma Boca o peito do Altíssimo…!

E, feita uma coisa com o Verbo, que é tua Pessoa, metida no seio do Pai, ali dentro intuirias segredos surpreendentes e incompreensíveis da sua paternidade, que nem os mesmos anjos nem nenhum homem poderão nunca chegar a intuir, pela sua capacidade de distância quase infinita da tua… E ali, intuindo com o Olhar do Pai, aprofundar-te-ias nos arcanos silenciosos do seu *ser-se* silêncio; e, letificante

de amor, correrias do seio do Pai ao seio da tua mesma Pessoa, cantando, por participação, em transformação gloriosa do ser divino.

Ó, Cristo meu!, qual seria o teu abaixamento diante da missão para a qual Deus te escolhia para ser o Apregoador do Amor eterno…?

Jesus, meu Verbo Encarnado, hoje amo-te mais porque conheço-te mais, e diante do meu conhecimento e amor, o que me fica por conhecer, adoro-o.

Jesus, capacidade infinita na tua Pessoa divina e capacidade limitada na tua natureza humana, como ao ver-te participando, em tua natureza humana, da vida da Trindade dessa maneira tão eminente e tão cheia de dons, a tua capacidade finita de Homem, amando, conhecendo e expressando a mesma vida da Trindade, romperia num êxtase diante do Deus incriado, por exigência da sua mesma contemplação gloriosa, em adoração profunda da tua natureza humana, diante da tua natureza divina…!

A tua natureza humana, pequenina, cairia anonadada sob o peso terrível do conhecimento e amor de Deus, adorando como fruto da sua contemplação amorosa e rompendo num: Santo! eterno.

Por exigência de ser tu criatura diante do Incriado, e estando repleto em tua capacidade criada, saturado e apertado do Deus altíssimo,

excedendo infinitamente o Deus incriado ao teu ser criado, rompias numa adoração eterna anonadado de amor; e adoravas tudo aquilo que, por *ser-se* Deus o Ser infinito, ficava para ti sem abranger.

A adoração é o êxtase do amor. Quando o amor encheu seu limite e já não pode mais, adora. Ao ser Deus infinito e exceder a capacidade do amante, este, desfalecido de amor, anonadado e desabado pela plenitude do seu ser diante do Infinito, cai adorante e adora o que lhe resta, transcendendo.

E a alma de Cristo, do meu Esposo, do meu Jesus, metida e engolfada, alegre e contente, perdida e abismada, letificante de amor diante do Deus incriado, contempla, expressa e ama segundo a sua capacidade quase infinita, e adora o que lhe resta por conhecer, expressar e amar.

Assim que a vida de Cristo sobre a terra foi um conhecer, receber, responder, expressar e amar a Deus, e um adorá-lo no que o conhecia e no que lhe restava por conhecer.

E como fruto desta vida, posto face a face diante de Deus e face a face diante dos homens, expressava no céu, como Homem, Deus; e como fruto da sua contemplação em amor glorioso, como conseqüência imediata desse conhecimento, expressão e amor, dirigido para

os homens, rompia em expressão para eles; doando-se em entrega com todos ao Pai em resposta de adoração gloriosa e reparadora, que n'Ele era infinita por ser sua Pessoa a segunda da adorável Trindade.

Já está Jesus, pela união hipostática das duas naturezas, *sendo-se* o Verbo da Vida Encarnado, cantando a Deus, e, fazendo o mesmo que faz no céu, cantando aos homens: «Tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer»[6]. Porque não é que Jesus cantasse uma canção a Deus e outra aos homens, não; mas que Ele, como Pessoa, por sua boca diz a Deus infinitamente o mesmo que aos homens, pois por não ter Jesus mais pessoa que a do Verbo, que é o Cantor infinito no céu e na terra, o mesmo Canto e a mesma Expressão que Ele *se é* ao Pai, repercutindo em sua humanidade, o é para os homens.

O Verbo, Palavra infinita do Pai, pega a sua natureza humana como repercussão para seguir cantando a Deus no Homem e cantar para o homem, como Deus, a sua vida eterna. Canção que Ele deixou depositada no seio da Igreja, por Maria, para prolongar a sua missão de dizer-nos sua vida durante todos os séculos; canção que a Igreja, unida a Cristo, na sua Liturgia, voltada para o Pai, canta-lhe durante todos os

[6] Jo 15, 15.

tempos; sendo a Igreja a que continua o cântico de Cristo a Deus e às almas.

Obrigada, Senhor, por ter-me ensinado hoje o mistério da Encarnação desde o seio de Maria, e assim ter conhecido as grandezas de Cristo e as grandezas da maternidade de Maria, tão desconhecidas!

Obrigada, Mãe, por ter-me aconchegado no teu colo e sustentado com tua maternidade para que não morresse ao contemplar o grande mistério da Encarnação!

4-4-1972

SE EU LOGRASSE…

Se eu lograsse dizer,
em meu expressar lastimoso,
isto que sinto em minha profundeza,
quando me afundo nos meus Céus…!,

naquele gozo inefável
que, na Encarnação do Verbo,
Deus mostrou-me ao adentrar-me
na profundeza do seu encerramento…!

Se eu lograsse, do meu modo,
o decifrar com conceitos
isso que vivo em minha entranha,
quando se acerca o Eterno,
quando me mete na forja
dos seus coeternos mistérios…!

Se dissesse, em minha missão
de dizer o que em mim tenho,
dizer o dizer de Deus
que eu encerro no meu interior…!

Se lograsse de algum modo,
ainda que o fizesse morrendo,
romper a profundeza profunda
do viver do meu segredo…!

Como dizer o indizível
em meu angustioso lamento…?

Mas, se não posso dizê-lo,
menos posso não expô-lo!,
já que a força de Deus,
introduzida em meu peito,

impulsiona-me para que expresse
o que tenho, como posso,
ainda que me mate o martírio
por profanar meu segredo.

Que triste é morrer penando,
ainda que me envolvam os Céus!

23-4-1972

MELODIAS DOCES…

Melodias doces,
claustrais mistérios,
vozes do Deus vivo
em tênue concerto…

Melodias doces
que impregnam o peito,
que ferem sua profundeza
com o toque quedo
de seu cativeiro…

Melodias doces,
algo que é eterno
se sente na alma
quando logra esta
sumir-se em silêncio.

Melodias doces,
toques do Imenso,
falas de amor puro
em chamas de fogo…

Melodias doces…,
como será isso
de querer dizê-lo
sem poder fazê-lo?

Melodias doces
que envolve o mistério,
que a alma percebe
dentro de seu seio…

Melodias doces,
que, sem ser concertos,
são beijo de Deus
em unção de céu…

Melodias doces
em martírio lento,
em chagas sangrentas,
em cautério imenso…

Melodias doces
envolve o mistério,
e por isso fico
sumida em silêncio.

Melodias doces
em passo de Eterno…

Do livro «Frutos de oración»
(«Frutos de oração»)

564. Experimento com o mistério de Cristo como com o da eternidade, que, quanto mais a conheço, menos a posso expressar pela simplicidade perfeitíssima, subsistente e divina da sua realidade. (24-10-74)

565. Quem vive do Espírito Santo é levado à Maria, e Ela lhe mostra em seu seio o segredo da Encarnação, onde o Pai diz ao homem sua vida, por seu Filho, na virgindade maternal da Senhora. (22-12-74)

566. Quando Deus quis dizer-me o seu gozo infinito, o Verbo se fez carne e, através de Maria, soletrou-o para mim em minha Igreja santa com coração de Pai e amor de Espírito Santo. (25-9-63)

567. Que grande é que Deus, que por sua capacidade infinita não pode ser mais que Deus, faça-se homem…! E que grande é que o Homem passe a ser Deus! Mistério incompreensível de amor infinito! (7-3-67)

568. A Encarnação é o romance de amor de Deus ao homem que se escreveu nas puríssimas entranhas de Maria. (12-9-63)

569. Dia da Encarnação…! Dia eminentemente sacerdotal, de ação de graças e de entrega anonadada, porque Deus fez o inimaginável e incompreensível para a mente humana por amor a si mesmo e aos homens. Mistério de ternura indizível e de esplendor infinito, de simplicidade arrepiante e de majestade soberana!, diante do qual cabe só adorar tremendo de amor e respeito. Dia da Encarnação: Deus é Homem e o Homem é Deus! (4-4-75)

570. O Verbo Encarnado abrange, na realidade das suas duas naturezas, a eternidade e o tempo, a Divindade e a humanidade, a criatura e o Criador, numa união tão perfeita que, sendo Ele em si o Céu e a terra, não tem mais pessoa que a divina. (15-10-74)

571. Cristo é tão sumamente maravilhoso, que Ele mesmo é a Unção e o Ungido; a Unção enquanto Deus, e o Ungido enquanto homem, tendo realizado tudo em si pela plenitude exuberante e transcendente da Encarnação. (15-10-74)

572. Jesus é a perfeição consumada do Plano de Deus, anunciado a Abraão, pai de todas as nações, e proclamado pelos santos Profetas do Antigo Testamento, na manifestação do Amor infinito pelo homem e na resposta do mesmo Amor infinito, feito homem, para Deus. (15-10-74)

573. No mistério da Encarnação estão recompilados todos os mistérios da vida de Cristo, porque encerra em si a doação de Deus ao homem e a inserção do homem em Deus; sendo manifestada e consumada essa doação mediante a vida, morte e ressurreição de Cristo, segundo a vontade do Pai, sob o impulso e o amor do Espírito Santo. (12-1-67)

25. O Verbo, para encarnar-se, toma uma humanidade inimaginavelmente perfeita e, ao unila à sua pessoa divina, faz possível que este homem seja Deus; e como as três divinas Pessoas, ainda que distintas, são inseparáveis, o Verbo, ao unir-se com a humanidade, dá-nos o Pai e o Espírito Santo. E assim como no Filho unimonos com o Pai e o Espírito Santo, no Homem toda a humanidade une-se com Deus, formando assim o Cristo Total, Cabeça e membros, na união estreitíssima do Espírito Santo; sendo tudo isso realizado nas entranhas de Maria. (4-12-64)

26. No momento da Encarnação foi quando realizou-se a grande doação de Deus ao homem, ao fazer-se Deus Homem e o Homem, Deus. Também, misteriosamente, celebrou-se a primeira Missa, realizando-se a inserção da humanidade em Cristo, a união de Cristo com a sua Igreja e, portanto, a fundação, em germe, dela. Neste mesmo momento da Encarnação e por este grande mistério, a Família Divina co-

meçou a conversar com o homem, e recebeu em Cristo a resposta infinita de reparação que, desde toda a eternidade, do homem esperava. (4-12-64)

574. A Encarnação é o ato amoroso de Deus, cheio de compaixão e misericórdia infinita, derramando-se sobre o homem no seio da Virgem com vontade redentora. (27-3-62)

575. Obrigada, Senhor, porque te fizeste Homem e, por isso, és capaz de sofrer, morrer, ressuscitar e, inclusive, permanecer durante todos os tempos na Eucaristia, prolongando todo o mistério da doação do teu amor na Igreja por meio do sacerdócio. (4-4-75)

14-2-1976

CALA, ALMA, E ADORA

Deus pede que cale tudo no meu interior,
porque, em seu mistério, quer-me abismar.
Lá, no meu recôndito, tudo está em silêncio,
por isso percebo seu amor em beijar;

e perco-me para tudo quanto me envolve,
sabendo, em seu gozo, seu modo de atuar.
Cala, alma querida!, oculta o segredo
do *Sancta Sanctorum* em teu palpitar.

Não rompa o silêncio minh'alma adorante,
não apague suas vozes de infinito falar,
deixe que, em meu seio,
Deus ponha seu acento
do modo sagrado que Ele se quer dar
diante dos mistérios do Verbo Encarnado
sendo Deus e homem rompendo em cantar.

Silêncio é a minha vida, quando por
mim passa
em toque infinito de eterna Divindade;
para que o expresse do modo que possa
com tênues acentos de brisa sagrada
em meu palpitar.
Seu passo é calado, repleto de dons,
qual murmúrio suave em tênue roçar.

E entra no teu interior onde o Infinito,
por ser eu seu Eco, quis se mostrar
a meu ser ferido de tantos amores
como abriu na minha profundeza a Divindade.

Cala, alma, e adora,
Deus passa beijando…!

29-10-1959

JESUS

Que riqueza encerra em si a realidade transcendente de Cristo…! Ele é o Sumo e Eterno Sacerdote por ter em si toda a realidade infinita e toda a realidade criada. Ele é a união de Deus com o homem, porque, n'Ele, Deus se dá a nós na comunicação infinita da sua intimidade familiar; e porque, n'Ele, todos os homens entramos a tomar parte na mesma vida de Deus.

«No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens»[1].

Mistério transcendente o da Encarnação pelo qual Deus é Homem e o Homem é Deus…! «E a Palavra se fez carne e habitou entre nós»[2].

Jesus é em si a perfeição infinita e criada, na união hipostática da sua natureza divina com a sua natureza humana, e por isso sofre e goza como ninguém em seu caminhar pela terra.

[1] Jo 1, 1.4. [2] Jo 1, 14.

A sua missão é dar-nos a conhecer o gozo eterno que está na vida do Pai, do Espírito Santo e d'Ele mesmo. «"Beba quem crê em mim". Conforme diz a Escritura: "do seu interior correrão rios de água viva". Ele disse isso falando do Espírito que haviam de receber os que acreditassem n'Ele»[3].

E sofre e se queixa porque, não somente não conhecem o Pai, mas também porque nem sequer conhecem Ele, que se fez homem para que melhor o conhecêssemos; e com a alma dilacerada pela dor e a incompreensão dos homens, diz: «Nem te conhecem a Ti, Pai, nem Jesus Cristo teu enviado»[4].

Jesus foi feito pelo Espírito Santo para trazer-nos a vida divina e abrasar-nos no seu mesmo fogo. E depois de vinte séculos estamos os cristãos de hoje, como os de ontem, sem receber o Pai como Ele deseja!

Entremos agora no primeiro instante de ser concebido Cristo.

Nesse mesmo instante a alma de Jesus contempla face a face a divindade. «Ninguém ja-

[3] Jo 7, 37-39a. [4] Cf. Jn 16, 3.

mais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer»[5].

«Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar»[6].

«Porque em Cristo se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento e n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade»[7].

Que momento eterno de gozo, de alegria, de amor, de abaixamento, de agradecimento…, ao ver-se Ele o escolhido, o ungido, o predestinado, o Filho amado do Pai…!

Toda a sua alma gozando, abrasada no ímpeto da corrente divina, contemplando com o Pai seu ser eterno, cantando com sua mesma Pessoa, com o Verbo, e abrasando-se com o mesmo fogo do Espírito Santo; participando da Divindade numa transformação como nenhuma criatura; participando da Trindade de Pessoas e da Unidade de Ser, em cada um dos seus matizes e perfeições, num grau quase infinito…!

Alma de Cristo, que contente…!, que gozosa…!, que alegre…! Toda tu és um júbilo de amor, gozando do *contento* infinito do Deus altíssimo. Alma de Jesus, esposa do Verbo infi-

[5] Jo 1, 18. [6] Mt 11, 27. [7] Col 2, 3. 9.

nito…, o descanso de Deus ao olhar para o homem…!

Já o Pai pode olhar para a terra através do seu Verbo feito Homem!

O que seria para Jesus, o Santo, ver que Ele era o Verbo Encarnado? Que júbilo na alma de Cristo…! Parece que não tem tempo mais que para gozar! Está como louco de amor divino!

E nesse mesmo instante da Encarnação, cai sobre sua alma de Redentor a carga inumerável de todos os pecados dos homens.

Nesse mesmo momento, e precisamente pela luz da visão de Deus, compreende e penetra até o mais profundo a malícia terrível, espantosa e arrepiante do pecado. E vê que esse mesmo Deus Santo é ofendido por suas criaturas, que se rebelaram contra Aquele que *se É* e se manifesta como vontade de santidade contra o pecado.

«Por isso, ao entrar no mundo, Cristo afirma: "Tu não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste-me um corpo. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Por isso Eu disse: Eis que Eu venho. No livro está escrito a meu respeito: Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade"… É graças a esta vontade que somos santificados pela oferenda do

Corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas»[8].

Terrível dor a de Jesus no mesmo instante da Encarnação, no qual contempla face a face a divindade e sabe o que é a santidade de Deus…!

Estava todo gozoso na contemplação do Deus glorioso, do Deus altíssimo, e seu ser nublou-se tão profundamente como profundo é o conhecimento que tem de Deus, aprofundando-se numa profunda tristeza. O conhecimento da excelência de Deus foi a condição da sua imolação, porque para maior luz, maior dor, ao ser Ele o encarregado de dar-nos essa mesma Luz e não ser recebido.

E ao cair sobre Ele a carga inumerável de todos os pecados de todos os tempos, volta-se ao Pai e, em função do seu Sacerdócio, responde em nome de toda a humanidade diante da santidade infinita de Deus. «Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo»[9].

Pelo que, por um lado, Ele vive uma plenitude de vida e felicidade na comunicação íntima e carinhosa das divinas Pessoas. Contempla

[8] Hb 10, 5-7.10. [9] 1 Jo 2, 2.

com o Pai toda a sua infinita perfeição, expressa-a, em união total e absoluta com sua infinita Pessoa, e abrasa-se no amor saboreável do Espírito Santo. Que vida de júbilo, de plenitude, de posse, de comunicação dentro das divinas Pessoas!

E todo Ele é recepção da infinita doação de Deus ao homem. Toda a sua alma está aberta ao ímpeto amoroso do Espírito Santo que, por Ele e através d'Ele, quer comunicar-se, em fogo avassalador e em ímpeto saboroso, a todos os homens.

Por outro lado, Ele é a Palavra infinita na sua Pessoa divina, que, ao unir-se com sua mesma humanidade, a fez tão palavra, que toda a humanidade de Cristo já só palavra pode ser para expressar, num romance de amor, toda a vida divina aos homens.

«Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais, pelos profetas; nestes dias, que são os últimos, Ele nos falou por meio do Filho, a quem Ele constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também Ele criou o universo. Este é o esplendor da glória do Pai, a expressão do seu ser. Ele sustenta o universo com o poder de sua palavra. Tendo feito a purificação dos pecados, Ele sentou-se à direita da Majestade Divina, nas alturas»[10].

[10] Hb 1, 1-3.

Pelo que a alma de Cristo é toda abertura e resposta diante de Deus, que, na mesma medida em que o recebe, responde-lhe.

Nesse mesmo instante da sua recepção diante de Deus, repleto com a participação do Infinito, volta-se para nós, continuando a sua missão na terra –ao ser a Palavra do Pai– de comunicar-nos todo o tesouro do nosso Pai Deus.

E no mesmo instante em que se volta para nós, recebe o «não» arrepiante da humanidade, que novamente n'Ele diz «não» a Deus:

«E a Luz brilha nas trevas, mas as trevas não a acolheram. Ela estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dela, mas o mundo não a reconheceu. Ela veio para o que era seu, mas os seus não a acolheram»[11].

Instante tremendo de dor e de tragédia para a Palavra infinita Encarnada que, num romance de amor, de sabedoria, de plenitude, dita e felicidade, está dizendo-nos sua vida na manifestação de amor mais incompreensível, mais amorosa: a Encarnação, que faz com que Deus seja Homem para que, dizendo sua vida aos homens e incorporando-os a si, faça-os Deus por participação!

No momento da Encarnação, Cristo, carregando com todos os pecados de todos os ho-

[11] Jo 1, 5. 10-11.

mens, volta-se ao Pai e oferece-se como vítima de resposta amorosa por todos nós. Ficando em postura sacerdotal e em função do exercício do seu Sacerdócio que o faz ser quem recebe a vida divina; o que responde ao Amor infinito; o que, na fartura da sua plenitude, volta-se para saturar-nos todos de divindade; e o que, ao não ser recebido, se entrega ao Pai, em resposta de doação e sacrifício, para expiar em si, e assim purificar o homem, do «não» arrepiante que novamente repetiu à santidade infinita de Deus.

Já Deus tem na terra um Homem que, sendo Homem, é Deus, e que lhe responde eterna e infinitamente como Ele merece, em nome e em resposta de toda a criação! E já o homem tem na terra Deus que, apesar de ser Deus, é Homem, e que, ao fazer-se um deles, tem uma capacidade tão transcendente, que é capaz de recompilar em si todos os homens, e, voltando-se diante de Deus, reparar por todos eles como responsável de toda a humanidade

Jesus, como irmão maior que contemplava sempre a Alegria eterna, tinha uma nuvem tão grande de tristeza, ao ver-se o Primogênito e fiador de todos seus irmãos, que nem amavam a Deus nem o buscavam, como Ele mesmo

diz: «Eles me abandonaram, a mim, fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas!»[12].

Jesus veio para dar-nos o segredo amoroso da nossa Família Divina, e encontra-se com a dureza e incompreensão da imensa maioria dos homens que, olhando tudo de modo humano, não somente não conheceram Deus, mas que tampouco conhecem Jesus Cristo, seu enviado, sendo Ele, em cada instante da sua vida, vítima desse desconhecimento.

A missão de Cristo é dar-nos participar da vida que o Pai, abrasado no Espírito Santo, comunicou-lhe, para que a depositasse no seio da Igreja e esta, com coração de Mãe, no-la desse durante todos os tempos:

«Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos»[13]. Lavando a mancha de nossos pecados com seu mesmo sangue, fez o máximo que pôde fazer por nós, seus irmãos. E ainda seguimos sem recebê-lo!: «Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe?»[14].

Que solidão, que incompreensão, que tristeza aquela da alma de Cristo, que quereria mostrar-nos o Pai, que nos grita em toda sua vida,

[12] Jr 2, 13. [13] At 4, 12. [14] Jo 14, 9.

com todos seus milagres, em todas suas obras, olhadas, palavras, ações: Deus…!, Santidade…! e entrega do Deus bom…!

Que seria para Cristo, depois de trinta e três anos da sua vida mortal, ver que seguíamos, a maior parte, sem receber Deus…! E como dilacerar-se-ia a sua alma, em suas horas longas de oração, a Ele, que era o Cristo, o Ungido, feito para oferecer-se e para ser imolado…! Que sentiria Jesus, ao ver e viver todos os tempos, todos os pecados de todos os homens, e como, depois de vinte séculos, sabendo o que Deus merecia, e o terrível da sua incessante imolação e sacrifício, seguia sem ser recebido…!

Que dor para a alma de Cristo, que viveu em cada momento da sua vida sendo o Receptor do Amor infinito e vivendo a tragédia de toda a humanidade durante todos os tempos…! Já que Cristo viveu profundamente cada um dos momentos de todos os homens, passados em amor ou em dor, em entrega ou em olvido; sendo para Ele seu viver, não só a sua própria vida, mas também a vida de todos nós em cada um dos nossos momentos.

A alma de Jesus, expressão cantora do *ser-se* do Ser, quase em infinitude e em expressão perfeita, diz, segundo a sua capacidade, o infinito ser de Deus, de tal forma que, para Jesus, não houve nada oculto de todos os séculos passados ou futuros.

Os trinta e três anos do divino Mestre foram vividos, em cada instante da sua vida, na máxima intensidade de amor e dor, do que a sua alma esteve cheia e repleta em todos os momentos da sua existência.

Jesus vivia seu *momento presente* com tal intensidade, que, em cada momento da sua vida, estava padecendo na sua alma, passando e sofrendo tudo o que, durante trinta e três anos, passou por seu ser de homem.

Nós vivemos nosso momento presente que, com mais ou menos intensidade, passa para não voltar mais. Mas não foi assim em Jesus que, como via tudo, cada momento da sua vida mortal foi, não somente o *momento presente* dos seus trinta e três anos, senão que, nesse momento ou instante da sua vida, estava vivendo também todos os momentos de todos os homens e de todos os tempos.

Tiremos a criatura tempo e espaço: Cristo vive conosco, e nós ficamos misteriosamente unidos com Ele sem distâncias de tempo e lugar; vivendo com Ele em seu tempo –como Ele viveu então o nosso– o mistério transcendente da sua vida, morte e ressurreição.

Tiremos da nossa mente o fantasma do tempo, que para a realidade da alma de Cristo, compêndio apertado de toda a criação e abarcador de toda ela, passa como a não ser; e pela

imensidade da sua grandeza, é capaz de viver, em cada um dos momentos da sua vida, a vida de todos e cada um dos homens.

Jesus viveu durante seus trinta e três anos, em cada momento, toda a sua paixão cruenta, com todas as suas dores, agonias e tristezas. «Um batismo Eu devo receber, e como estou ansioso até que isto se cumpra!»[15].

«Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá tudo o que foi escrito pelos profetas a respeito do Filho do homem. De fato, Ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros; depois de o açoitar, eles o matarão. E no terceiro dia ressuscitará. Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que Ele tinha dito»[16].

«"Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará". Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava»[17].

«Esta noite todos vós vos escandalizareis por minha causa, pois está escrito: "Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão". Mas, depois que Eu ressurgir Eu vos precederei na Galiléia»[18].

[15] Lc 12, 50.
[16] Lc 18, 31-34.
[17] Jo 13, 21-22.
[18] Mt 26, 31-32.

Todos os momentos da sua vida, desde o presépio até o *consummatum est*, foram vividos por Ele num só *momento presente*.

Mas não fica aí, senão que, nesse mesmo *momento presente*, Jesus sofreu: toda a tragédia terrível da sua Igreja, com todas as heresias, cismas, com toda a dilaceração dela; o martírio e perseguição de cada um dos seus mártires; os abandonos, securas e desamparos de todas as almas; a morte de todos os santos; as ofensas de todos os pecadores; as traições de todos seus amigos e filhos… E isso, não de um tempo, mas de todos os tempos, desde Adão e Eva, até o fim do mundo!

Pobrezinho Jesus…! A paixão cruenta do nosso Cristo, do nosso Deus Encarnado, foi uma manifestação externa que expressava um pouco a tragédia espantosa de cada momento dos trinta e três anos da sua existência terrena.

Não é que os trinta e três anos de Jesus foram um *momento presente*, e que Ele, durante toda a sua vida, fora por partes vendo todos os tempos e sofrendo por todos eles, não; mas que Jesus, como viveu no tempo, viveu durante seus trinta e três anos inumeráveis momentos, durante todos os quais Ele viu e padeceu todos os tempos.

E se lhe tivessem perguntado:

— Jesus, que estás vivendo neste *momento presente* da tua vida mortal?

Ele teria respondido:

— Meu *momento presente* é toda a tragédia espantosa de toda a minha vida e de todos os tempos. Eu estou sofrendo na minha alma, neste *momento presente*: a ingratidão de todos os tempos e de todos os homens para com Deus; e estou vivendo também na minha alma todos os amores e as entregas de amor puro das almas fiéis; e estou sofrendo todas essas infidelidades e gozando com todos esses amores. E não como uma coisa em bloco, não; senão que cada pulsação de cada alma, e cada momento seu vivido em amor ou em desamor, em entrega ou em olvido, é para mim meu *momento presente*.

«Jesus viu Natanael que aproximava e disse a seu respeito: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento". "De onde me conheces?", perguntou-lhe Natanael. "Antes que Filipe te chamasse", respondeu-lhe Jesus, "Eu te vi, quando estavas sob a figueira". Então exclamou Natanael: "Rabi, Tu és o Filho de Deus, és o Rei de Israel"»[19].

«… Jesus sabia, com efeito, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem era aquele que o entregaria»[20].

[19] Jo 1, 47-49. [20] Jo 6, 64.

«Em verdade te digo que esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes»[21].

Jesus viu e viveu todos os instantes da nossa vida passados em amor ou em desamor, sendo para Ele seu viver constante. «Enquanto estava em Jerusalém, para a festa da Páscoa, vendo os sinais que fazia, muitos creram no seu nome… Mas Jesus, não tinha confiança neles, porque os conhecia a todos e não necessitava que lhe dessem testemunho sobre o homem, porque Ele conhecia o que havia no homem»[22].

Assim que, esse *momento presente* que a nós se faz às vezes tão insuportável, e que estamos desejando que passe e que, uma vez passado não volte más, em Jesus foi seu *momento presente* de trinta e três anos; de modo que Ele viveu todas as minhas securas, tristezas e minhas entregas de amor puro.

«Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e Eu vos darei descanso»[23].

Na alma de Jesus foram vividos todos os meus sofrimentos e alegrias, amores e defecções, sendo eu sempre para Ele descanso e dor. E isso, não às vezes, nem que o passou uma vez em sua vida por cada um; senão que Jesus

[21] Mt 26, 34. [22] Jo 2, 23-25. [23] Mt 11, 28.

viveu, em cada momento, tudo o de todas as almas, em toda sua vida e em cada *momento presente* dela. Assim que Ele teve sempre presente toda a minha vida, desde a Encarnação até o Calvário; e não só minha vida, mas a de todos os homens.

Jesus não teve mais *momento presente* na sua vida mortal que um momento. Não é que fosse a sua vida um *momento presente*, não; senão que a vida de Jesus era, em cada momento, o momento terrível da tragédia de todos os tempos da vida de toda a Igreja; vivendo Jesus em cada um dos instantes da sua vida, como Cabeça da sua Igreja, toda a vida da Igreja em todos os seus tempos com sua realidade terrível de riqueza, missão –como prolongação d'Ele– e tragédia ao não ser recebida; realidade viva que Cristo prolongará no seio desta santa Mãe durante todos os tempos.

«Se o mundo vos odeia, sabei que primeiro odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como ama o que é seu; mas, porque não sois do mundo, porque Eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos odeia. Se me perseguiram, perseguirão a vós também. E se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa»[24].

[24] Jo 15, 18-19. 20.

«Digo-vos isto para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas. E mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus. E isto farão porque não conheceram o Pai nem a mim. Mas Eu vos digo tais coisas para que, ao chegar a sua hora, vos lembreis de que Eu vos havia dito. Não vos disse isso desde o começo porque estava convosco»[25].

Ó viver profundo da alma de Cristo…! E por se acaso era pouca intensidade de vida para a alma maravilhosa e incompreensível do nosso Cristo, também tinha nesse *momento presente* a contemplação face a face da Divindade, contemplação que lhe fazia viver em cada instante um *momento presente* de glória.

Assim que na alma de Cristo dava-se, num *momento presente*, o inferno e o céu, todos os amores de todos os tempos e todas as tristezas e desamores de todos os séculos!

Que riqueza encerra em si Jesus…! Parece que a mente se rompe diante da perfeição da sua natureza criada, que foi capaz de viver, numa intensidade tão transcendente e num mesmo instante, todo o gozo que lhe proporcionava a comunicação familiar que vivia com as divinas Pessoas, e por outra parte, a dor do

[25] Jo 16, 1-4.

desamor dos homens que Ele representava diante de Deus.

Como poderemos nós compreender o amor de Deus que tão incompreensivelmente, para a nossa mente humana, nos ama…? De quantas maneiras…! Com quanta intensidade…! Para que não duvidemos nunca do Amor infinito que, ao amar-nos, não se perdoou nada por nós.

«Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com Ele?»[26].

Como poderia Cristo, o Unigênito Filho do único Deus verdadeiro, que veio a dar sua vida em resgate por todos, para que por Ele encontrássemos a libertação e a salvação como filhos de Deus no Filho, Deus e Homem que Ele era em si, por si e para si pela sua divindade e pela sua humanidade; ao mesmo tempo, conter em si todo o ímpeto infinito da Divindade que o impulsionava irresistivelmente a comunicar-se aos homens, e todo o ímpeto arrepiante, em força de rechaço, da humanidade que lhe diz «não»…? E Ele no meio, como prensado, entre a doação de Deus e o rechaço dos Homens!

Todo o viver de Cristo nos seus trinta e três anos foi uma expressão amorosa da vivência e

[26] Rm 8, 32.

tragédia que tinha em sua alma em desejos incontidos de comunicar-se.

E por isso a Eucaristia, a crucificação e a morte de Cristo com a sua ressurreição gloriosa são a expressão soletrada do amor de Deus ao homem, que, chegando em sua necessidade incontida até o extremo, ardendo em desejos, como Palavra infinita, de expressar-nos e comunicar-nos a sua missão, todo o seu ser de homem rebentou em sangue por todos os seus poros em Getsêmani; explicando-nos por todo seu ser até onde e como ama Deus quando ama, e até onde e como é capaz de expressar-se o Amor infinito quando fala.

Assim Deus se deu a ti em seu amor infinito, através de Cristo, em romance de amor.

Que fará o teu amor diante da Doação infinita que se fez *palavra* para que tu o recebesses, o escutasses e fosses capaz de amá-lo e vivê-lo?

28-1-1973

DEUS RESPIRA NO MEU INTERIOR

Quando eu me interno,
com alma adorante
e em silêncio fico,
na intimidade
de um sacrário aberto,
escuto o queixume
de Jesus em dó,
escuto sua roçadura
e sinto seu alento…

E entrando na profundeza
do seu pensamento,
o que mais me move
no meu sentimento
é quando eu escuto,
atrás do meu silêncio,
esse respirar
em lentos acentos,
esse retinir
do seu terno peito…

E aproximo minha alma
para capturar
esse palpitar
dos seus sentimentos;

e ouço o tic… tac…
que, em seu coração,
o amor abriu.

E enquanto respira
o Hálito eterno,
eu respiro n'Ele
do modo que posso,
para retornar
com meu respirar
a seus sentimentos.

Quando Deus palpita
dentro do meu peito,
eu respondo em dom
do modo que posso.

Do livro «Frutos de oración»

592. Deus se fez uma natureza humana para encarnar-se, e tão perfeita foi por vontade do mesmo Deus, que não teve nem pôde ter mais pessoa que a divina. (23-9-63)

593. Não necessitou a natureza humana de Jesus pessoa humana para ser perfeita, porque foi criada para unir-se à divina no Verbo. (23-9-63)

594. Se a natureza humana de Jesus tivesse precisado de ter pessoa humana para ser perfeita, o Verbo não teria podido encarnar-se nela. (23-9-63)

595. Deus derrama-se tão plenamente sobre a humanidade de Cristo em unção sagrada, que toda esta humanidade, aderindo-se à Divindade, pode dizer por sua pessoa divina: «Eu sou aquele que Sou»[1]. (15-10-74)

596. Quando olho o Verbo Encarnado como Deus, vejo n'Ele toda a perfeição infinita da divindade; e quando o olho como homem, vejo-o recompilação perfeita de toda a humanidade. (15-10-74)

---

[1] Ex 3, 14.

597. A perfeição de Cristo é tão rica, que é capaz de abarcar, não só por ser Deus em sua natureza divina, senão por ser homem na perfeição e pela perfeição da sua natureza humana, toda a criação com todas as suas criaturas, tempos e circunstâncias, sendo Ele, misteriosamente, o compêndio apertado de toda ela. (15-10-74)

598. Jesus possui a penetração completa e abarcada de todas as coisas em sua profundeza, largura e extensão, por ser maior e mais perfeito que todas elas em sua natureza humana. (26-10-74)

599. Jesus é a sabedoria eterna do Pai em Expressão cantora; é a Luz do Resplendor eterno; é o tudo infinito de Deus em soletração amorosa de conversação divina e humana; pelo que, quando estou com Ele, estou diante da contenção apertada que encerra em si quanto é Aquele que se É, e quanto é toda a criação. (14-9-74)

4-9-1975

TU ME OLHAS... EU TE OLHO...

É teu olhar o descanso
da minha alma fadigada,
que me acaricia silente
em minhas saudades carregadas.

Tu me olhas quando peno
e quando, em glórias, me abraças,
sendo archote em minhas noites
e sombra em minhas marchas longas.

Tu me olhas, eu te olho,
num dizer sem palavras
que são amores profundos
entre o Amor e a amada.

Eu conheço os segredos
do olhar das tuas olhadas,
penetro teus pensamentos,
quando teus olhos me falam.

Entendo tudo ao olhar-te,
ainda que não me digas nada,
porque são "verbos" teus olhos
em infinita Palavra.

Jesus, quando Tu me olhas
em petições sagradas,
minha alma rompe em vulcões
de refrigerantes chamas,

e, em retorno silente,
sob a tua brisa calada,
rendida em adoração,
te respondo enamorada.

600. Minha alma está impregnada de luz simples e profunda sobre o mistério do Verbo Encarnado, possuidor, dominador e abarcador do tempo e da distância, para viver com todos e cada um dos seus filhos em todos os séculos, e para fazer que, a *alma-Igreja*, iluminada pela fé e a caridade do Espírito Santo, o viva real, ainda que misteriosamente, em cada um dos momentos da sua vida. (24-10-74)

601. Para a perfeição da alma de Cristo não existe o tempo enquanto que o seu mistério realiza-se em favor de todos os homens de todos os tempos. (15-10-74)

602. É o mesmo dizer que Jesus viveu trinta e três anos e os fez extensivos a todos os tempos, quer dizer que viveu todos os tempos e reduziu-os visivelmente a trinta e três anos. Estes trinta e três anos foram a manifestação, diante dos homens, da realidade abarcadora de toda a criação e de todos os séculos que Ele era. (15-10-74)

605. Pela perfeição do seu ser, o Sumo e Eterno Sacerdote, foi capaz de conter todos os homens na imensidade da sua abrangência, e

é capaz de viver, através da Igreja e por meio da Liturgia, com e para todos eles. Por isso é possível que todos os homens, em seu tempo, vivam do seu mistério. (15-10-74)

607. Quando eu me uno ao Verbo Encarnado, pela minha inserção n'Ele, uno-me também com o Pai e o Espírito Santo, passando a viver a sua mesma vida, por participação, e sendo eles UNO em mim –não uno comigo–; nesta mesma inserção uno-me com os homens de todos os tempos e eles comigo, sendo todos uno em Cristo, e, por Ele, entre nós, vivendo todos unidos com e na Família Divina. (13-7-66)

608. O tempo e a distância são como um monstro gigantesco que intenta pôr-se entre Cristo e nós para separar-nos. Mas, como poderá ser isso se o nosso espírito vive porque é membro de Cristo e está vitalmente unido a Ele? (15-10-74)

609. O dia em que o Verbo Encarnado enxertou-me n'Ele, tirou misteriosamente entre Ele e eu a distância e o tempo. Ele começou a ser a minha Cabeça e eu membro do seu Corpo. (15-10-74)

610. Eu rio do fantasma do tempo, que aparece como separador do mistério de Cristo conosco. (24-10-74)

611. Minha vida de fé, esperança e caridade, tira-me a dimensão do tempo, ele é mais pequenino do que eu, tanto que para a minha *alma-Igreja* não existem suas distâncias e fronteiras. (24-10-74)

613. O Verbo Encarnado é mais antigo, mais duradouro e mais amplo do que todos os tempos, e eu estou enxertada n'Ele diretamente, como membro do seu mesmo corpo; portanto, vivendo da sua realidade tal qual é, e saciando-me dos mananciais que brotam do seu peito bendito, transcendo os tempos e afundo-me na eternidade. (15-10-74)

614. Como Cristo é a contenção de todos os tempos e a abrangência da criação, Ele é a fronteira com a eternidade e a mesma eternidade sem fronteiras, por ser Deus e homem. (29-10-70)

615. A mais perfeita imagem, como criatura, da perfeição infinita, é Jesus em tudo o que vive e faz; e por isso, é capaz de conter em si todo o plano de Deus terminado e acabado. (25-10-74)

616. O Verbo veio comunicar-nos a grande mensagem divina, e esta no-la disse na Encarnação, Belém, Nazaré…, em sua pregação e em sua crucificação; e no-lo segue comunicando na Igreja durante todos os tempos, pela Liturgia, e

também na intimidade da alma e na oração, junto à Eucaristia, onde, em romance de amor silencioso diz-nos Aquele que É seu amor infinito como Palavra eterna do Pai. (1-2-64)

22-9-1974

MINHA MISSÃO É SER ECO

No dia 19, durante o santo Sacrifício do altar, sangrando de dor no meu espírito, olhei para Jesus e compreendi como nunca o porquê da profundeza do seu viver, do desamparo das suas penas e da tragédia do seu coração… Vi a grandeza da perfeição da alma de Cristo, capaz de abarcar todos os homens de todos os tempos, dando-lhes amor e recebendo traições… Vislumbrei a finura penetrante, a perfeição e a profundidade profunda do amor com que nos ama.

Parece como se tivesse penetrado no que passava na alma de Cristo durante a sua crucificação: as dores do seu corpo não eram mais do que uma manifestação pequeníssima das penas profundas que anegavam seu espírito…

Que feridas sangrentas, abertas e sem cicatrizar, tinha dentro da sua alma santíssima…! Que desamparo por parte dos homens…! Que agonias as do seu coração! Que amor…! Que capacidade, ao poder abarcar-nos todos e cada um de nós, naquele instante da sua vida, com todos e cada um dos amores ou ingratidões das nossas…!

Mas, que ferida vi a alma de Cristo…! Que sangrentos e que pungentes éramos cada um de nós em seu espírito! Fiquei espantada de que Cristo pudesse resistir a tanta dor…!

Cada um dos homens era como uma flecha que fere, que o ímpeto infinito do Espírito Santo, no dia da Encarnação, incrustou em seu espírito com o matiz pessoal de cada um… Que fecundidade a da sua paternidade rompendo em redenção…!

Vivi muito profundamente o mistério sangrento do Amor infinito desamado, desconhecido e desamparado, penetrando dolorosamente nesta frase da Sagrada Escritura: «Busquei quem me consolasse e não o encontrei…»[1].

Que trágica desolação a de Jesus na cruz…! Que desamparo na profundidade profunda da profundeza do seu coração! Que tristeza tão aguda a que envolvia todo seu ser, buscando, como Amor infinito, amor dos que amava, em resposta à entrega gratuita da sua doação…!

Quantas vezes, durante toda a minha vida fui introduzida por Cristo na sua alma santíssima, sabendo, por ter saboreado, a sua doação amorosa aos homens…! Mas nunca como este dia descobri esse «ponto» sangrento do seu espírito, onde todos e cada um dos homens,

[1] Sl 68, 20.

como uma flecha aguda em perfurante penetrar, somos introduzidos em sua profundeza.

Jesus é o «Grito sangrento» do Amor infinito em doação amorosa aos homens, e a resposta do homem ao Amor infinito. É o «alvo» onde as setas incandescentes do mesmo Amor infinito são lançadas, e o «alvo» também onde todos os homens, que, como flechas, vão lhe ferindo com setas em amor ou em dor, em entrega ou em ingratidão.

Alma de Cristo, desconhecida…! Coração de Jesus, perfurado, receptor vivente de amor e de ingratidão…! Deixa-me que, feita uma coisa com meu Espírito Santo, com meu Espírito meu, eu vá beijando, como cicatrização de amor, todas e cada uma dessas feridas pungentes que são para ti um «não» em dureza de ingratidão…

Eu hoje necessito ser com o Espírito Santo beijo de consolo amoroso que te diga eternidade, resposta dos que amas, e entrega de incondicional doação. Pois também eu, diante da contemplação do teu duro penar, vi num instante que meu viver é repercussão do teu viver, em expressão pequenina do meu ser de Igreja.

Toda a vida do Verbo Encarnado sobre a terra foi um mistério de amor e de desamparo, de entrega por parte sua e de ingratidão pela nossa. Que capacidade de recepção a da sua alma…!

O Espírito Santo, impulsionado pela vontade do Pai, beija a alma de Cristo «ali», onde cada um dos homens são uma realidade viva, vivida e amada pelo nosso Redentor…

A redenção é a entrega do Amor que morre de amor, amando, de tanto amar…! E toda a intensidade e extensão das dores físicas de Jesus foram só uma manifestação para fora da dor aguda que, no profundo da sua alma, Ele vivia com relação aos homens.

Cristo era em todo seu ser um «Grito» de amor que vivia em saudade esperando seus filhos…, clamando, no silêncio da sua dor, em necessidade de fazer-se um com todos os que a vontade do Pai deu-lhe pelo impulso e o amor do Espírito Santo.

Por isso Jesus é um mistério de amor e de desconsolo, de entrega e de rechaço por parte dos seus filhos; de clamor e de mistério, que na saudade do seu coração, clama em plenitudes de posse dos que ama.

Ele pede com necessidade urgente a nossa resposta ao seu amor infinito: «Que sejam um, ó Pai, como Tu e Eu somos um»[2] e que «onde Eu estiver, também eles estejam comigo»[3]. Que estejam «ali», ó Pai!, em teu seio e em meu seio, para que sejam um conosco no amor do Espírito Santo.

---

[2] Jo 17, 22. [3] Jo 17, 24.

Mas a capacidade de Cristo é tão grande, tão perfeita, tanto, tanto!, que com todos e cada um dos homens tem esta mesma vivência em tragédia de amor que se entrega e exige resposta.

Quanto compreendi este dia…! Como experimentei-me refletida em Cristo…! Que bem entendi a dor aguda que o amor infinito do Espírito Santo abrira na sua alma ao introduzir-lhe um depois do outro, como em dardo de amor, cada um dos homens! Porque era o amor infinito do Espírito Santo que, realizando a Encarnação no seio da Senhora, impulsionava todos no ímpeto do seu fogo, introduzindo-os na alma de Cristo…! Tudo é obra do Espírito Santo, porque é obra do Amor de Deus para com o homem…

E o mesmo dia da Encarnação, Cristo, que era o Amor infinito por sua pessoa divina, ficou vitimado em sua alma santíssima pela recepção desse mesmo Amor e pela ingratidão de todos os homens, que, ao dizer-lhe «não», o feríamos no mais profundo e sagrado da medula do seu espírito.

Como compreendi neste dia o que éramos cada um de nós para a sua alma santíssima…! E ao vê-lo na cruz, como um farrapo, compreendi também que minha pena era só reflexo da sua, porque era amor de Espírito Santo e fruto desse amor dilacerado…

Como me vi refletida na alma de Cristo…! Pois também vi minha alma como um farrapo, destroçada e ferida no mais íntimo e recôndito, ali, onde só Deus mora para Ele e para mim, e onde estão […] as almas que Deus introduz no profundo da medula do meu espírito…

E nesse mesmo instante senti a carícia do Amor infinito em Beijo de Espírito Santo, em carinho de Esposo, em proteção de consolo e bálsamo refrigerante que cicatriza as feridas da medula do meu ser: «Eu vos deixo a paz, Eu vos dou a minha paz; Eu vo-la dou, mas não como a dá o mundo»[4].

Olhei para Jesus e olhei para mim… e senti-me novamente, não só o «Eco da minha Igreja», mas o Eco da alma de Cristo; e soube do seu amor e da sua dor, da sua grandeza de espírito e do fruto da sua fecundidade que o faz morrer em nostalgia de amor pelos que ama.

Cristo voltou-se para o Pai querendo-o glorificar, e o conseguiu do modo sangrento que em sua natureza humana pôde. Mas o Pai, para que a dor de seu Filho em fruto de reparação para Ele e manifestação de amor para as almas seja mais forte, diante da agonia do seu coração, deixou-o em silêncio de morte…

[4] Jo 14, 27.

Jesus busca consolo nos Apóstolos, e também um silêncio de morte respondeu-lhe…! Como necessitava Jesus naqueles momentos de dor, da proximidade espiritual e física daqueles que amava…! Mas, na demonstração total do seu desamparo, estava só…! Ali encontrava-se sua Mãe e o discípulo a quem amava… Assim também sentiu-se minha alma como «Eco» pequenino da alma de Jesus: buscou em sua saudade…, em sua nostalgia…, na morte sangrenta que lhe produzia a ferida do seu espírito… buscou […] as almas, e estavam longe….!, muito longe…!

Que grande é ser «Eco da minha Igreja»…! Que grande é ser Eco de Jesus e de Maria…! Que pequenino é o eco…!; só e sempre repete… Não tem outra capacidade nem sabe fazer outra coisa; é repetição amorosa ou sangrenta, de vida ou de morte, de glória ou de dilaceração… Porque também, como Jesus, nestes dias senti que o poder das trevas arrojava-se sobre mim… Experimentei ondadas terríveis de inferno, na cercania espantosa da amargura do seu contato.

Que pequenino é ser Eco…! Mas, que grande é vivê-lo…! A paz inundou meu ser com o consolo do anjo confortador, que para o «Eco» pequenino da alma de Cristo naquela manhã foi o mesmo Espírito Santo cicatrizando as mi-

nhas feridas… E desde esse momento a doçura da sua cercania invadiu-me, mas na dor, tristeza e petição de resposta em nostalgia dos que amo…

Estes dias cantei a minha canção. Cumpri a minha missão como «Eco da minha Igreja», repetindo os sentimentos profundos da alma de Cristo em derramamento de amor aos seus e em necessidade de resposta.

«Ali», onde Deus beija-me…, onde mete […] as almas; onde estão os que amo…; «ali»… naquele «ali» do recôndito do meu espírito onde mora Deus para Ele, para mim e para […] as almas, «ali», sinto-me ferida no mesmo ponto onde sinto-me beijada pelo Espírito Santo em beijo de fecundidade, de plenitude de vida, de redenção.

Quantas vezes, como Jesus, pregada na cruz, busco a vizinhança dos meus, e não a encontro…! E ainda que o Espírito Santo esteja perto, dentro da alma, beijando-a e querendo-a, o mesmo Espírito Santo impulsiona-a a clamar pelos que ama em labaredas de amor e de resposta.

Que duro é ser «Eco» da Igreja, de Cristo e de Maria, no país do desamor…! Mas hoje, por uma misericórdia de Deus, compreendi o sofrer trágico destes dias na profundeza do meu coração, naquele ponto onde Deus mora e o

Espírito Santo beija-me com amor de Esposo, […]; porque a redenção, é assim!: amor de entrega e resposta de desamparo…, petição de amores e saudade dos que amamos…, clamores de desdobramento na cruz e busca, na maioria das vezes, de consolos de eternidade em silêncio de morte.

O «Eco» de Jesus repetiu, no seu modo pequenino de ser, algo da profundeza do mistério do Redentor… E se o Espírito Santo não tivesse vindo com consolo de Esposo e cicatrização de amor, teria morto de angústia como Jesus no Calvário.

Não tive nestes dias força para clamar pela eternidade; só clamar por […] as almas, na experiência de uma profunda lonjura…! Mas, como contarei, e a quem, quanto vivi na minha morte de cada minuto e cada instante, sentindo-me dilacerar no mais profundo da medula do meu ser, num «por que» sem resposta, que só me fazia clamar em necessidade de vizinhança dos que amava…?!

Agora compreendo porque no dia 19, pela manhã, durante a Santa Missa, no mesmo instante em que vi minha alma como um farrapo, ao voltar-me para Cristo crucificado fiquei espantada diante da desolação trágica da sua flechada em dardos de amor pelo Beijo do Espírito Santo, que eram como setas que intro-

duziam seus filhos, ali, dentro da profundidade do seu espírito…

Que grande, que imenso vi Cristo…! Que esmagado pela sua amargura…!, com que necessidade de resposta diante de seu amor infinito para com seus filhos…! e que só no desamparo do Calvário…! Nesse mesmo instante sentia-me beijada pelo Espírito Santo em bálsamo de amor que cicatrizava as feridas que tinha no meu espírito, no fundo profundo da minha profundidade…

Mas, foi hoje quando compreendi que eu, estes dias, estou cumprindo minha missão de Eco de Jesus no seio da Igreja. Pela pequenez do meu espírito e a grandeza da prova, não fui capaz de descobrir até hoje que a minha missão é também ser Eco de Jesus e de Maria…

Eu sou o «Eco da minha Igreja» em tudo quanto encerra e contém. Sou expressão do seu viver, da sua tragédia e da sua Canção, e por isso me abraso, nas contenções de minhas opressões, pelo toque saboroso, deleitável e íntimo do Espírito Santo. E quero expressar Cristo ainda que morra, ainda que rebente nas opressões do meu expressar, ainda que, para ser «Eco» do meu Cristo sangrento, tenha que saborear a amargura da sua desolação, que sentir sobre mim o momento do poder das trevas e que experimentar a dor profunda em saudade de: Almas para Deus…!, filhos para seu Seio! […].

Que grande é ser Igreja…! Se eu, que só sou dentro dela seu «Eco» pequenino, sinto-me só alma para vivê-la nas contenções das suas opressões, o que será o manancial das suas inexauríveis perfeições…?! Como poderá minha Igreja conter em seu seio Deus vivendo a sua vida, Cristo com toda a sua realidade, Maria com o derramamento da sua Maternidade com tudo quanto isso encerra de entrega e de resposta…?!

Já não me importa sofrer ainda que seja o desamparo dos que mais amo…! mas não por isso hei de deixar de sentir minha amargura, minha pena e minha desolação… Como serei «Eco» pequenino da alma de Cristo, se não repito seu viver em canção de amor aos homens?

Não tenhais medo de mim, membros da minha Igreja, porque eu só sou Igreja e mais Igreja que alma…! E porque sou mais Igreja que alma, na contenção pequenina de quanto encerro, vivo com Cristo em cada um dos momentos da minha vida uma plenitude de eternidade…, uma saudade do seu encontro…, uma vivência de maternidade…, uma necessidade de entrega e resposta…, uma imolação redentora, sob a ação carinhosa, íntima, cálida, penetrante e nutritiva do Espírito Santo.

Eu sou o «Eco da minha Igreja» e repito a sua canção como posso, no meu modo de ser pequenino; mas, diante da contenção de quanto encerro, abraso-me em suas vivências.

Obrigada, Senhor, pela grandeza do mistério que encerras…! Obrigada por fazer-me Eco pequenino das tuas contenções, ainda que para isso meu espírito viva, em cada um dos momentos da minha vida, de céu na terra e de desterro na minha redenção, que é imolação profunda e dilacerada em desamparo, em entrega de amores e em necessidade de resposta…

Obrigada, Senhor, porque não sou um anjo e posso sofrer contigo a tua redenção…! Os anjos só podem gozar, mas não sabem o amor que encerra dizer a Deus «sim» na cruz…

Quanto vivi hoje…! Como poderá compreender, quem não vive seu ser de Igreja, o que é sê-lo, e, dentro dela, ser o «Eco» que repete quanto é, quanto vive, quanto encerra e quanto contém na opressão do mistério de Deus com ela, na contenção do mistério de Cristo e na profundeza da Maternidade da Virgem… E tudo isso dentro do âmbito da vontade divina, realizada pelo impulso, o amor e a ação santificadora do Espírito Santo…

Obrigada, Senhor, por ter-me feito «Eco» de todo teu mistério no seio da Igreja!

22-12-1975

ECO EM REPETIÇÃO

Brotam da minha mente belos pensamentos,
ternuras e afãs, requebros de amor;
quero, em minhas saudades,
dizer quanto entendo
pelo grande mistério da Encarnação.

Palavras eternas ouço no meu interior,
vozes do Deus vivo que, em conversação,
dão-se e retornam com doces amores,
nas contenções da sua perfeição.

Sóis são os olhos do Pai sapiente,
labaredas de fogo que, em seu resplendor,
olhando para dentro em seu possuir-se,
sabe num saber-se que o faz ser Deus.

Nada há tão simples, tão doce e secreto,
como as candentes labaredas do Sol;
mas há que entrar dentro do *Sancta Sanctorum*,
onde, nos arrulhos do eterno Amor,
beija-se o Imenso dentro da sua entranha
no grande mistério de sua posse.

Fervem na minha mente ternos pensamentos,
surgem em caudais de minha contenção…

E, por mais que digo, não rompo o encerro
daquilo que entendo quando me fala Deus!

Ele fala à minha alma junto ao meu sacrário,
em tempos calados de contemplação.
E, nas melodias de umas notas doces,
entendo Maria na Encarnação;
penetro seu Advento secreto e silente,
cheio de romances em beijo de Deus.

E em Belém recebo o Deus feito Menino,
que pede chorando meu retorno,
o mesmo que um dia, orando no Horto
com profundos lamentos em sua prostração,
queixou-se à minha alma, pedindo-me ajuda
na noite triste da imolação.

Junto ao meu Sacrário tudo fica claro
e comunicado em explicação.

E sei que, se morre Cristo entre ladrões,
é pela excelência da sua perfeição,
que, mostrando amores, disse quanto amava
por seu *ser-se* Imenso doando-se em amor.

Tudo fica dito junto ao meu Sacrário,
que, em ternos colóquios de silente dom,
desvela os véus que oculta o mistério
e vai descobrindo sua eterna missão.

Que ninguém pergunte à minha alma ferida
como aprendi ou quem me ensinou

todos os mistérios de minha Mãe Igreja:
É que sou seu Eco em repetição!

Que o saibam todos, quando eu morrer:
que, em minhas solidões, pela incompreensão,
matou-me a pena que envolveu o silêncio,
porque minha mensagem não se recebeu.

Que venham meus filhos
e digam meu canto,
e porque minha vida sempre foi a dor;
e é que, nos silêncios de um Sacrário em noite,
aprendi adorante porque Deus morreu!

Eu vi que calava gemendo em amores,
sendo-se Palavra, Luz de eterno Sol.

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia